

Onde a vida se cozinha: cozinhas que reúnem e quintais que criam, uma etnografia da interface de gênero na produção social no Quilombo Vão da Horta¹

Luisa de Negreiros Pinto Gomes UnB

Resumo: Esta pesquisa analisa as relações produzidas a partir e por meio da cozinha na comunidade quilombola Vão da Horta (Cavalcante, GO) que residem em Cavalcante, com ênfase nas interfaces de gênero. Investiga se como as mulheres sustentam e organizam as relações sociais cotidianas na cozinha e no quintal, quais práticas e significados mobilizam nessa produção relacional e de que modo essas relações se projetam sobre o sistema social mais amplo da comunidade. Busca se compreender a organização física e simbólica dos espaços domésticos (cozinha, casa, quintal) e sua articulação com redes de parentesco, vizinhança, economia local e práticas políticas. A partir de uma abordagem etnográfica e interseccional, o estudo problematiza como esses espaços atuam como dispositivos de criação (vidas, alimentos, saberes), transformação (técnicas culinárias, memórias, narrativas) e reunião (coletivos, trocas, mobilizações), bem como suas relações com ameaças e potências externas — por exemplo, monoculturas, empreendimentos territoriais e migrações. Ao adotar uma perspectiva cosmopolítica, a pesquisa visa revelar as agências domésticas na reprodução social e nas estratégias de resistência e continuidade cultural. A metodologia é baseada na etnografia participante (observação na cozinha/quintal, entrevistas semiestruturadas com mulheres e outros membros), mapeamento espacial dos usos domésticos, análise de práticas materiais (utensílios, receitas, cultivo) e fontes históricas/documentais sobre comunidades quilombolas.

Palavra-chave: Comunidade quilombola; Cozinha; Extensão do território.

Introdução

Essa pesquisa tem o intuito de pensar a relação casas, cozinhas e quintais seguindo a perspectiva de seis mulheres quilombolas, que atualmente residem em Cavalcante (GO), mas que pertencem a comunidade quilombola Vão da Horta, visando entender o fortalecimento das redes de relações construídas.

A minha metodologia pensada pré-campo não foi necessariamente concluída, lidei com algumas surpresas durante o caminho. Durante meu pré-campo, planejei e me preparei para uma sequência de fatos que não ocorreu de tal forma. Por empecilhos de data e financiamento, o campo em si ocorreu por dois dias. A priori, a ideia principal era de passar mais tempo com as interlocutoras, acompanhando-as na produção de refeições; observando e participando de momentos íntimos na cozinha; entender as organizações simbólicas e físicas. Como tive um menor tempo para completar o campo e coletar os dados, optei por aplicações

¹ Trabalho apresentado na 35a Reunião Brasileira de Antropologia

de questionários pré definidos por meio de entrevistas gravadas e visitas guiadas pelas casas e quintais.

Entrevistei 6 mulheres que atualmente moram em Cavalcante por diferentes razões, mas que vieram da Comunidade Quilombola Vão da Horta. Todas, são chefes de família e tem uma relação do cotidiano e íntima com a cozinha. No primeiro dia, entrevistei Cardete, Ana Maria, Anisia e Luiza; no segundo dia, Ana Maria Pereira e Antonia. Uma das minhas interlocutoras, Dona Cardete, me acompanhou e me apresentou em todas as casas. Estar acompanhada por uma mulher que naturalmente faz parte dessas relações, me permitiu presenciar trocas, redes de informações, práticas internas, dinâmicas femininas e modos de recepção.

Ao decorrer da construção da pesquisa, as respostas dos meus questionamentos me levaram a novas percepções, pelo qual segue uma linha de migrações e as formas de extensão do Vão. No processo de escrita, vou me manter limitada às questões da GT, mas será recorrente alguns parênteses sobre o tema.

Comunidade Quilombola Vão da Horta

Localizada a 70km do município de Cavalcante (GO), originalmente habitada por povos indígenas Ava Canoeiros e Xavantes, posteriormente foi invadida por colonizadores portugueses, sendo um dos principais locais para o comércio de pessoas escravizadas no Norte de Goiás. Marcado profundamente pela presença desses escravizados, pelo qual muitos fugiam e formavam quilombos nas áreas de mata fechada ao redor da Fazenda, vestígios da época comprovam as marcas deixadas pelas raízes da ancestralidade.

Com o passar do tempo, a população do Vão se diversificou, negros escravizados e libertos, em sua maioria quilombolas Kalungas; indígenas Ava Canoeiros, integrados por casamentos forçados e sequestros; família portuguesa Cardoso. Joana Rodrigues, filha de indígena sequestrada por imigrante europeu, se casou com ex-escravizado Vitoriano Rodrigues Soares e gerou 11 filhos, tornando-se a matriarca do Vão da Horta.

Entrevistas e visitas

As entrevistas pré definidas foram divididas em dois momentos, o primeiro foi o formulário do antropólogo, uma sequência de perguntas mais abrangentes e um guia de observações do espaço, estrutura das casas, moradores e documentações. Já o segundo formulário, é composto por questionamentos que seguem a temática das relações da cozinha tanto quanto espaço e quanto significados e práticas atribuídos individuais ou como uma continuidade cultural.

As visitas seguiram a lógica da minha interlocutora principal, Cardete, pelo qual combinou a visita antecipada com algumas mulheres, mas outras foram pegadas desprevenidas e concordaram em conversar e participar da pesquisa.

Meu primeiro contato com a Cardete foi em uma visita ao Vão da Horta no dia 06/12/2025, com intuito de participar de uma reunião para o início do processo de identificação quilombola, também uma apresentação e um pedido de licença para pesquisar juntamente

com a comunidade. Cardete, antes disso, nos guiou pela estrada indo no carro para garantir os melhores caminhos. A partir disso, mantemos uma aproximação que abriu portas para um novo campo acontecer.

Durante as observações do campo, alguns aspectos me chamaram atenção; as interlocutoras apresentaram práticas que seguem as lógicas do cotidiano no Vão. O primeiro ponto que vou apresentar são as técnicas de plantação, quando perguntadas as formas que plantavam e quais melhores momentos para fazê-los, as respostas saíram de forma natural “eu jogo na terra e ela cresce sozinha”, pelas práticas enraizadas de cuidado com as plantas produzidas na comunidade são repetidas e despercebidas a riqueza do cuidado e do ambiente; o cuidado no olhar de qual melhor momento para jogar as sementes, a quantidade de água e luz que cada espécie de planta precisa são resumidas a “ter a mão boa”. Além de manterem uma roça com variedades de plantas e chás, muitos se repetem entre elas. Segue abaixo uma tabela listando as plantações (seguindo a ordem de visita) e o que costuma ser plantado.

Cardete	Ana Maria	Anisia	Luiza	Ana Maria P
abóbora	acerola	abóbora	abóbora	abóbora
açafrão	banana	abacaxi	abacate	acerola
alecrim	erva doce	cajá-manga	acerola	açafrão
alho	erva cidrera		arruda	banana
cebolinha	mandioca		abobrinha	batata
condessa	tamarindo		assulina	cana de açúcar
feijão			babosa	café
guariroba			caju do mato	coco baiano
laranja			eucalipto	fava
limão			fava	boldo
quiabo			imbaúba	manga
salcinha			jiló	mexirica
tomate			manga	limão
goiaba			milho	pimenta
			pitanga	palmeira
			pimenta	quiabo
			quiabo	romã
			samabaia	
			sete dores	
			santa maria	
			rabo de macaco	
			condessa	

Figura
1.

A partir da tabela, percebemos que a abóbora se faz presente em quatro de cinco plantações (respectivamente 1,3,4 e 5 da tabela); acerola em três (2,4 e 5 da tabela); pimenta em dois (4,5 da tabela), açafrão dois (1 e 5 da tabela); banana em duas roças (2 e 5 da tabela); condessa também conhecida como pinha ou fruta do conde aparece em duas roças (1 e 4); limão (1 e 5).

Quando questionadas o porquê da seleção de plantas, as respostas das interlocutoras seguiram a mesma lógica, eram ervas, plantas ou frutíferas corriqueiras do território, ou seja, por plantar na comunidade e sentir falta de cuidar e ter o acesso a matéria prima da cozinha, mantinham esse hábito por ser também uma forma de continuidade cultural. Uma das minhas interlocutoras, não fazia horta pelo terreno ser infértil, mas afirmou que se conseguisse reverter esse quadro manteria a prática da comunidade e plantaria abóbora, batata, temperos e ervas para seu próprio consumo.

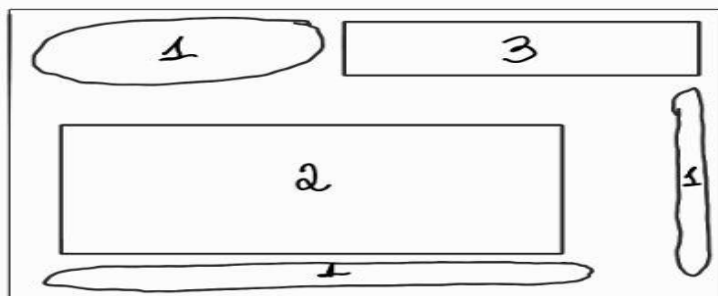
Além do mais, as plantações seguem uma lógica dentro do quintal, as plantações ficam geralmente na frente, do lado e/ou atrás da casa. Por consequência do sol, dos espaços para desenvolvimento das plantas, espaço fértil. Pensando juntamente com Ellen Woortmann, no sítio camponês, a autora afirma: “um sistema de espaços diversificados, complementares e articulados entre si” (Woortmann, 1983, p 164); E o argumento segue em

A expressão sítio tem então, um sentido ideológico, visto que, remetendo à casa, remete também à família e a um processo de descendência. O termo tem, porém, um terceiro sentido, ainda mais restrito: dentro da parcela sítio, refere-se à área ocupada pela casa-quintal, mais uma vez evidenciando a relação entre sítio e família.
(Woortmann, 1983, p. 175)

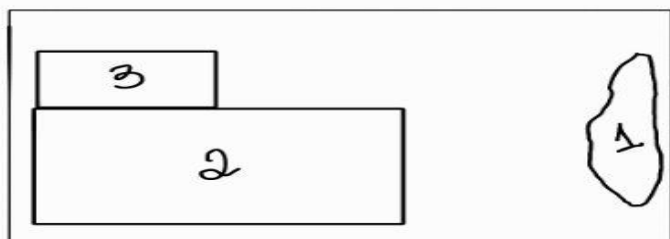
Desse modo, entende-se que dentro de toda a lógica construída enquanto espaço físico e ideológico, pelo qual se torna uma rede de significados. A relação casa-quintal além de remeter ao significante família, existe todo um espaço onde a mulher é a chave principal para dar vida, tanto no sentido de dar forma ao espaço quanto protagonizar as relações ali produzidas.

Durante as conversas com as interlocutoras, presenciei momentos em que essas redes de relações entre mulheres eram fortalecidas. Tanto em passar informações de acontecimentos na cidade, como trocar mudas de plantas que não tinham ou não conseguiram plantar e informações sobre outras pessoas conhecidas que não foram vistas recentemente.

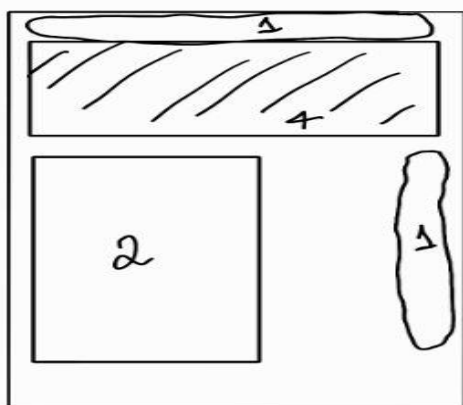
Casa 1



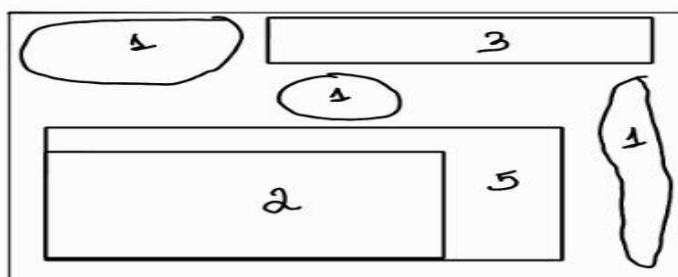
Casa 2



Casa 3



Casa 4



Casa 5

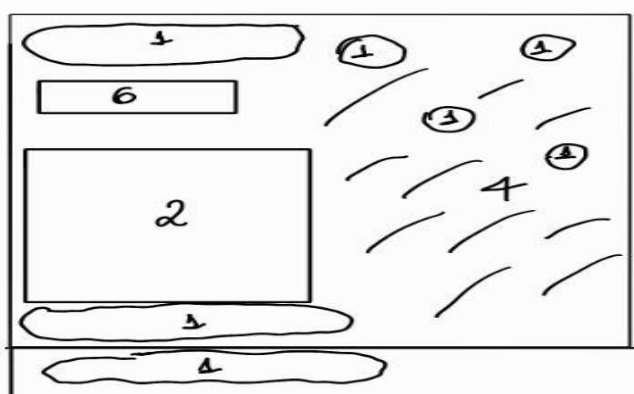


Figura 2.
Legenda da figura 2:
1- Horta;
2- Casa;
3- Puxadinho;
4-Espaço para as galinhas;
5- Garagem;
6- Fogão a lenha;

Pensando nos conceitos de cozinha no texto “Entre corpos e cozinhas: pensando arquitetura através de mulheres e suas ancestralidades” a cozinha com o fogão a lenha está mais próximo do que seria a cozinha colonial, mas seguindo como uma extensão da cozinha interna da casa. Com diferenças mais modernas, como estrutura de alvenaria, esse espaço continua sendo habitado principalmente por mulheres.

Comunidade x cidade

Quando questionadas sobre as relações construídas dentro da cozinha, todas as mulheres foram ensinadas a cozinhar por outras mulheres- sendo elas irmãs mais velhas que já tinham sido ensinadas pela mãe ou pela própria mãe. E seguem essa tradição ensinando as mulheres mais novas, dando novos significados e passando os antigos costumes dessa rede cultural. Percebi também que a passagem da menina criança para aprender a cozinhar tem relação tanto com idade (geralmente entre os 9 e os 12 anos) quanto com o interesse de observar as mais velhas nessas atividades. Muitas iniciaram essa atividade por curiosidade de ver outras mulheres nessa função, aprendendo a ordem e o passo a passo de receitas do “dia a dia”. Receitas essas que costumavam fazer quando moravam na comunidade, utilizando a horta produzida na cidade e utilizando os recursos limitados, se esforçam para colher os temperos e os alimentos mais frescos. Assim, produzindo um sabor e uma combinação de alimentos ricos em lembranças e saberes ancestrais.

Ademais, uma lembrança muito presente quando o assunto é comida gostosa e bem temperada, é o fogão a lenha. Em apenas uma casa tem a presença do fogão a lenha² e uma tem o projeto de implementá-lo, mas todas as seis entrevistadas discursaram sobre a diferença de sabor da comida feita em fogão a lenha e do fogão a gás. Junto vem a memória de cozinhar diariamente, a comida da mãe ou de festividades onde a presença desse componente é marcante. O fogão a lenha é mais do que um simples utensílio da cozinha, ele carrega consigo memórias de sabor e práticas vividas no território e a ancestralidade.

Das 6 entrevistadas, apenas uma não tem vontade de retornar definitivamente para a comunidade, em contrapartida, as outras 5 mulheres pretendem voltar em um futuro próximo ou não voltam por falta de oportunidade de construir uma casa própria no território e precisar dos benefícios de morar na cidade. Todas, quando questionadas por qual motivo saiu do Vão da Horta e se mudou para a cidade, as respostas seguiram a mesma problemática, ter acesso aos direitos básicos como saúde e educação. A necessidade de cuidar de um parente próximo ou elas mesmas precisam de uma frequência dos cuidados médicos; ou também tem filhos menores de idade que precisam frequentar a escola. Quando mais novas, seus pais tiveram a iniciativa de sair da comunidade para oferecer o acesso à escola e retornar em épocas de férias escolares e quando o estudo se concluiu, então, duas das seis entrevistadas herdaram a casa na cidade da família.

Um ponto importante que eu gostaria de destacar, é a relação da semelhança das estruturas das casas da cidade com a casa da comunidade. Além das hortas se manterem em lugares que

² Figura 2, casa 5.

se permanecem na comunidade, assim como foi citado anteriormente, o material utilizado para a construção da estrutura da casa de adobe³ é encontrado em ambos espaços⁴.

Mulheres e as relações sociais

Pensando junto com o texto de Ana Carneiro Cerqueira “Mulher é trem ruim: a “cozinha” e o “sistema” em um povoado norte-mineiro” sobre as interfaces de gênero e com ele as forças das relações atribuída, proponho duas citações para essa discussão.

“[...] as práticas femininas relacionadas à cozinha e a preocupação das mulheres com os acontecimentos do corpo são centrais para a maneira como as relações sociais são concebidas. Mais do que isto, como sugere a expressão local “mexida de cozinha”, há um modo de intervenção, ritmo e movimento da mulher em sua cozinha que colocam em continuidade processos fisiológicos e sociais. Podemos dizer, assim, que esta “mexida” é parte constitutiva do que os amoerenses chamam “sistema” e traduzem por “modos de comer e de conversar”, isto é, os modos que identificam e diferenciam pessoas, povos, famílias.”
(Cerqueira, 2010, pg. 709)

O sistema da casa corresponde à mexida de cozinha da dona da casa: o tempo, o modo, a quantidade e a qualidade da comida e de seu preparo; as pessoas que por ali circulam, quanto tempo ficam, o que conversam, quando e quanto se animam, se ajudam ou não a “lavar as vasilhas”. Ao mesmo tempo, como uma metalinguagem, na cozinha, o assunto é sobre a mexida de cozinha das outras casas: quem circulou na casa de quem e que modo da relação foi engendrado ali. Estas informações são objeto de interesse da conversa prosaica, diária; assim “falam dos outros”, assim ficam “sabendo do povo”.(Cerqueira, 2010 ,pg. 710).

Assim como a autora acima aponta, os detalhes do dia a dia são a chave principal para percebermos as dinâmicas das trocas e fortalecimento das relações sociais.

Presenciei essas trocas ao me atentar aos diálogos fora dos formulários, a troca e promessa de formar novas mudas e crescer a plantação em conjunto foi um tópico entre três das cinco que mantém a horta. Mesmo cada mulher tendo a sua própria plantação, a ideia de dividir e enriquecer juntas as plantações era um hábito comum entre elas, trocando mudas e técnicas novas para lidar com diferentes espécies vem acompanhada de uma boa xícara de café. Aumentando o tempo de conversa e dividindo as novidades, os assuntos foram diversos, indo de notícias de cursos profissionalizantes a possíveis datas que poderiam se encontrar com parentes mais distantes.

Essa troca de notícia enriquece as relações sociais e mantém toda a rede de práticas e aprendizados em constante movimento, aumentando a biodiversidade e as relações afetuosas.

³ Adobe é um material base de construção, geralmente utiliza-se tijolos de terra, água e fibra natural, sendo seco no sol.

⁴ O processo do material da casa passar de madeira para adobe é uma discussão já existente na antropologia, se encontram estudos que referenciam textos da Ellen Woortmann para enriquecimento da discussão.

Permitindo que mesmo com a estadia na cidade, a rede de informação entre moradores de Cavalcante tanto entre si, como entre eles e os moradores do território.

Como descrito em “ Entre urbanização e regularização fundiária: uma geografia dos novos modos de vida quilombolas de Oriximiná” a extensão do território vai além dos limites de terra. Os costumes e tradições seguem junto com essas mulheres, sempre transformando e repassando os cuidados e práticas aprendidos e memorizados durante a vida no Vão da Horta. Em um mundo moderno e com diversas tecnologias disponíveis, a articulação entre cidade e território está sempre em transformação e ressignificação de práticas articuladas entre esses dois marcadores geográficos com os marcadores culturais que transitam com pequenos ajustes diariamente.

Considerações finais

Como discorrido durante o texto, enfatizo aqui as relações construídas e fortalecidas entre as interlocutoras ocupando os espaços urbanos e seus desafios, pelo qual construído por mulheres quilombolas que carregam seu território e práticas para dentro dos espaços casa, cozinha e quintal. Relacionando autores que enriquecem as experiências do campo, desenhos dos espaços e descrições das hortas.

Busquei compreender a estrutura das casas e dos quintais com as particularidades descritas e a continuidade cultural atrelada a essas práticas.

Por me deparar com o tema da migração, pretendo seguir com esse debate e produzir novas pesquisas em torno da temática aqui iniciada.

Bibliografia

WOORTMANN, Ellen F. O Sítio Camponês. Anuário Antropológico, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 164-203, 1983.

CERQUEIRA, Ana Carneiro. “Mulher é trem ruim”: a “cozinha” e o “sistema” em um povoado norte-mineiro. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 611-613, maio/ago. 2010.

CRUZ, Raphaela Barros da. Entre corpos e cozinhas: pensando arquitetura através de mulheres e suas ancestralidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO, 11., 2024, Brasília. Anais... Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2024. p. 1-15.

NASUTI, Stéphanie *et al.* Entre urbanização e regularização fundiária: uma geografia dos novos modos de vida quilombolas de Oriximiná. In: GRUPIONI, Denise Fajardo; ANDRADE, Lúcia M. M. de (org.). Entre águas bravas e mansas: índios & quilombolas em Oriximiná. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo: Iepé, 2015. p. 210-222.